



HAL
open science

Comparative approaches in literary and interarts studies

Yuri Andrei Batista Santos, Daniela Nienkötter Sardá, Urbano Cavalcante Filho, Paulo Roberto Gonçalves-Segundo

► To cite this version:

Yuri Andrei Batista Santos, Daniela Nienkötter Sardá, Urbano Cavalcante Filho, Paulo Roberto Gonçalves-Segundo. Comparative approaches in literary and interarts studies. *Linha d'Água*, 2022, 35, pp.1 - 10. 10.11606/issn.2236-4242.v35i3p1-10 . halshs-03924653

HAL Id: halshs-03924653

<https://shs.hal.science/halshs-03924653v1>

Submitted on 5 Jan 2023

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

Editorial

Abordagens comparativistas nos estudos literários e interartes

Yuri Andrei Batista Santos

Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil
Université Paris Cité, Paris, França

batista.yuriandrei@gmail.com
<http://orcid.org/0000-0002-3805-0586>

Daniela Nienkötter Sardá

Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil

danielasarda@gmail.com
<http://orcid.org/0000-0002-7128-2469>

Urbano Cavalcante Filho

Instituto Federal da Bahia, Ilhéus, Brasil
Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, Brasil
Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil

urbanocavalcante@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-1429-5300>

Paulo Roberto Gonçalves-Segundo

Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil

paulosegundo@usp.br
<https://orcid.org/0000-0002-5592-8098>

Ao pensarmos os processos, métodos e abordagens comparativistas no campo da linguagem, não podemos deixar de lado, na apresentação desse campo epistemológico, as abordagens desenvolvidas no âmbito da relação do sujeito com as diferentes formas do estético, inclusive as estéticas literárias. Orientados pelas contribuições de pensadores como Mikhail Bakhtin (1895-1975), Pável Medviédev (1891-1938) e Valentin Volóchinov (1895-1936), reconhecemos, assim, o conceito de diálogo como chave interpretativa que possibilita a inter-relação de ideias no plano da linguagem. Recorrente nos trabalhos de Bakhtin, a noção de diálogo assinala a potência da linguagem e seu poder de aproximação de espaços-tempos, de culturas, de línguas e de vozes sociais.

O reconhecimento da centralidade desse conceito e de sua natureza é concomitante à percepção de como esses aspectos se materializam nos trabalhos de tais pensadores. Evidenciando o que podemos chamar de uma postura dialógica, suas produções partem de uma meditação sobre a linguagem, ao aproximarem diferentes línguas (russo, inglês, alemão, francês, latim, grego clássico etc.), diferentes culturas em diferentes contextos históricos, bem como de obras que remontam a diferentes formas estéticas (literatura, música, teatro, escultura, pintura e dança). Em suma, ao tratarmos do diálogo nessa perspectiva, enfatizamos a maneira pela qual este enseja uma abordagem comparativista, centrada na inter-relação de objetos estéticos, considerando tanto a forma, o material e o conteúdo que constitui cada um deles,

LINHA D'ÁGUA

quanto os elementos exteriores que igualmente incidem sobre suas respectivas construções e acabamentos.

Nossa breve incursão inicial no conceito bakhtiniano de diálogo nos permite discutir a construção de percursos e tradições comparativistas em dois campos específicos, situados na grande área dos estudos da linguagem: o campo dos estudos literários e o campo dos estudos interartes¹.

A comparação é atividade culturalmente integrada à maneira pela qual os grupos sociais constroem e partilham o conhecimento, graças a processos associativos, generalizantes e diferenciais. A centralidade da comparação enquanto método de observação e explicação dos diferentes fenômenos do mundo possibilita exercícios analíticos que, além de caracterizarem os estudos comparativos, revestem-lhes de formas específicas de ser e de fazer estudos comparados nas diversas áreas do conhecimento.

De acordo com Tânia Carvalho (1986), “[o] surgimento da literatura comparada está vinculado à corrente de pensamento cosmopolita que caracterizou o século XIX, época em que comparar estruturas ou fenômenos análogos, com a finalidade de extrair leis gerais, foi dominante nas ciências naturais” (p. 8). Dessa forma, o termo “estudo comparado” começa a ser utilizado na Europa. É inicialmente na França que são estabelecidas muitos dos princípios da disciplina em apreço e a posterior visualização da área enquanto campo disciplinar. Segundo Eduardo Coutinho (2001), o questionamento dessa caracterização, que muito ecoou e por vezes ainda ecoa no meio acadêmico, coaduna-se com a possibilidade de se deparar com imprecisões ou indeterminações metodológicas no momento de se delimitar um objeto a ser estudado através do prisma comparativista. Como sugere Ben Hutchinson (2018), ainda, os diferentes pressupostos e orientações metodológicas em torno do comparativismo compreendem de forma relativamente descentralizada os escopos dos trabalhos de pesquisadores, as tendências e até o que se convencionou chamar de escolas.

Enquanto o termo “estudo comparado” se confunde com a designação do campo, o recurso comparativista nos estudos literários transita entre diferentes percepções ao longo do tempo — ora com um teor historicista, em proveito de um domínio de tradições literárias, linguísticas e culturais distintas por parte dos pesquisadores (além de uma busca por relações causais nas obras e nas trajetórias dos autores); ora com um teor formalista, pensando-se a relação entre obras que representam pontos de vista distintos dentro de uma mesma comunidade cultural, aproximando-a da teoria literária e de aspectos formais da construção do texto. Posteriormente, observa-se a valorização de elementos exteriores aos objetos literários e à linguagem literária, respaldados no já mencionado aporte bakhtiniano, enfatizando a comparação como um procedimento que torna visíveis tensões na interação dialética entre as dimensões textuais, intertextuais e extratextuais.

¹ Para um panorama dos estudos comparativos nas ciências da linguagem, cf. Sardá; Cavalcante Filho; Santos; Gonçalves-Segundo, 2022.

Sem aspirar a um ponto de vista abrangente, entre as distintas abordagens e transformações desses percursos no âmbito da Literatura Comparada, ressaltamos como a cena contemporânea estabelece padrões para o método comparativista nos estudos literários. Conforme apresentam Gerson Roberto Neumann, Cíntea Richter, Marianna Ilgenfritz Daudt (2021), em um ensaio introdutório do livro resultante dos trabalhos do XVII Congresso Internacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC):

A ideia de comparação que se encontra no próprio nome da Literatura Comparada remete, na verdade, a um paradoxo, pois a Literatura Comparada se refere muito mais a colocar objetos, literaturas e culturas em relação e em articulação, criando, desta forma, novas possibilidades de análise, de métodos e de abordagens, do que a meramente compará-los, uma vez que a comparação estrita exigiria uma equivalência de sentidos. Ora, a Literatura Comparada busca justamente o exercício do discrepante, da diferença e do contraste. (NEUMANN, RICHTER, DAUDT, 2021, p.7)

Acreditamos que o tema central que dá o tom às discussões do congresso (e, por conseguinte, ao livro organizado posteriormente) reflete as tendências contemporâneas dos estudos comparativistas. “Diálogos transdisciplinares: Literatura, Ciências Humanas, Cultura e Tecnologia” põe no centro das atenções essas disciplinas por meio do comparativismo que tem caracterizado a aquisição de conhecimentos em diferentes áreas. A transversalidade faz da Literatura Comparada uma zona de convergência e de contato, ao acolher diferentes possibilidades de interação entre culturas, problemas sociais, ideologias, campos epistemológicos, os quais direta ou indiretamente concretizam-se nas diversas produções literárias.

O estudo comparado contemporâneo parte, antes de tudo, de uma problematização que tem por intuito questionar e explicitar os diferentes pontos de vista e tensões entre obras, literaturas e discursos, resultantes das escolhas teóricas, metodológicas e analíticas feitas pelo pesquisador. O encontro do diverso, sem incorrer no risco antecipado por Hutchinson (2018) de subalternizar, sobrepujar ou normatizar singularidades culturais, busca, pelo contrário, valorizar e reconhecer a pluralidade constitutiva da linguagem literária em sua relação concreta com os sujeitos e com os diferentes campos de interação humana.

Os estudos interartes, por sua vez, também surgem da comparação. Claus Clüver, um nome importante nesse campo de estudos, explica como os estudos interartes mantêm, desde o início, uma relação estreita com a Literatura Comparada:

Há décadas, na condição de comparativista, tenho trabalhado com a “comparação” da Literatura com algo que, embora seja de outra ordem em relação à Literatura, possa ser submetido, juntamente com esta, a um conceito geral que costumamos chamar de “arte”. Minha área de interesse foi denominada nos EUA, por muito tempo, “Artes Comparadas”, termo compreensível apenas para aqueles que o associavam a “Literatura Comparada”. Hoje em dia, a área em que atuo recebe, em inglês, o nome de “Interarts Studies”, que corresponde a “Estudos Interartes” [...] em português [...] (CLÜVER, 2006, p. 11)

Como sugerem Alexandre Siqueira de Freitas e Geraldo Tadeu Teixeira (2020), o campo dos estudos interartes apresenta uma trajetória considerável que lança uma luz sobre as intersecções das diferentes manifestações artísticas. Tem-se, nessa linha, uma área amplamente influenciada pelas diferentes categorias tecnológicas, ao explorar trilhas já abertas, no que toca as respectivas estéticas envolvidas, e ao percorrer caminhos únicos que se beneficiam do contato entre diferentes perspectivas teóricas, orientações metodológicas e expressões de linguagem.

No mundo todo a área tem-se desenvolvido cada vez mais. Recentemente, em Portugal, a Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP) criou uma Licenciatura em Literatura e Estudos Interartes², cujo objetivo é “proporcionar a aquisição de conhecimentos no âmbito dos Estudos Literários e dos Estudos Interartes, com destaque para a Literatura Portuguesa e privilegiando perspectivas teórico-críticas de carácter comparatista, intermedial e intercultural”, além de permitir aos futuros formados atuarem, entre outras, em instituições culturais. No Brasil, o Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGCOM/UFRJ), com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro, organizou, em março deste ano, o colóquio “Interartes: derivas e contágios”, argumentando que “[...] o pensamento e as práticas da arte sempre foram marcados por atravessamentos, reconfigurações, zonas de indiscernibilidade, impurezas e limiares”³. O objetivo do evento foi:

[...] discutir a deriva das expressões artísticas, considerando alguns de seus múltiplos aspectos e a complexidade dessas relações. Foram sugeridos trabalhos que percorressem as intersecções singulares que articulam mídia e corpo, tecnologia e estética, arte e vida, dentre outras possíveis interações. O colóquio insere-se em um projeto mais amplo intitulado “Figurações Interartes”, envolvendo desdobramentos em Portugal e na Argentina⁴.

Os eixos de investigação do evento supracitado foram: 1) Criações Interartes: Atravessamentos conceituais; 2) Diálogos Interartes: Perspectivas histórico-filosóficas; 3) Tensões Interartes: Problemas estético-políticos e 4) Materialidades Interartes: Experimentações tecnomidiáticas.

Pensando, pois, no desenvolvimento das tecnologias midiáticas na contemporaneidade, tanto a literatura quanto as outras artes (como a pintura, a música, o cinema etc.) têm estabelecido relações muito próximas com a perspectiva multimidiática. Muitos pesquisadores têm voltado sua atenção para a elaboração de um constructo teórico voltado para o estudo da *intermedialidade* (termo novo, mas que se refere a um processo antigo), ao considerar, nos anos 1990, “a reconcepção do que seria arte e a inclusão, nas investigações, de gêneros não artísticos como as mídias e suas interrelações”, conforme afirma em entrevista Thaís Flores Nogueira

² Disponível em: <https://comunidadeculturaearte.com/universidade-do-porto-cria-licenciatura-que-relaciona-literatura-com-cinema-musica-teatro-e-artes-visuais/> Acesso em: 27 jul. 2022.

³ Disponível em: <https://www.congressointerartes.com.br/> Acesso em: 25 out. 2022.

⁴ Disponível em: <https://www.congressointerartes.com.br/> Acesso em: 25 out. 2022.

Diniz, pesquisadora dedicada aos estudos da intermedialidade e aos estudos interartes (cf. LUZ; WALLAU; MARINS, 2021, p. 3).

Considerado um campo independente dos estudos em Literatura Comparada, os estudos intermediários têm-se fortalecido dentro e fora do Brasil. É o caso, por exemplo, do grupo *Intermídia: núcleo de estudos sobre intermedialidade*, da UFMG, e cadastrado no Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq; grupo esse cujo objetivo é “o estudo/análise de obras contemporâneas constituídas de textos em diferentes mídias, incluindo espetáculos teatrais, filmes considerados ‘adaptações’, histórias em quadrinhos, ecfrases, instalações, canções e outras”⁵. O grupo conta com pesquisadores oriundos de diversas áreas do conhecimento, como da Faculdade de Letras, da Escola de Belas Artes, da Escola de Música e do Departamento de Comunicação da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, além de contar com parcerias de pesquisadores estrangeiros, como os do Centro de Estudos sobre a intermedialidade em Montreal, a *International Society of Intermedial Studies*, a *International Society of Word and Image Studies* (IAWIS/ AIERTI). Entre as atividades desenvolvidas pelo grupo, merece destaque a tradução de muitos textos feitos por pesquisadores dos trabalhos dos estudiosos da intermedialidade, e a preocupação dos seus membros com a maneira como a área enfrenta os desafios das produções artísticas contemporâneas, principalmente no que respeito ao ensino e à “leitura” adequada de tais produções nos dias atuais, já que estas resultam do diálogo entre diferentes artes e mídias distintas.

“Diálogo”, palavra com a qual abrimos este ensaio, permite também a visualização da zona de contato entre diferentes manifestações estéticas, e se relaciona intimamente com os estudos comparados em literatura. Na esteira da inegável relação entre textos e discursos — difundida nos trabalhos de Bakhtin e do Círculo, bem como em outras teorias que se dedicam a estudar, por exemplo, a sinestesia e as relações intersemióticas —, as propostas de investigação que aproximam diferentes formas de arte em diferentes mídias têm crescido nos últimos tempos, merecendo, por isso, ser estudadas e divulgadas.

O presente número contou com contribuições de pesquisadoras e pesquisadores de diversas universidades brasileiras e estrangeiras. Na seção artigos, foram dez os textos aprovados, além da tradução de um artigo recentemente publicado na revista *L'Annuaire théâtrale* (atual *Percées – Explorations en arts vivants*). O número conta, além disso, com uma entrevista com uma pesquisadora e escritora brasileira da área da literatura, e com a resenha de uma obra publicada este ano pela editora Pontes, intitulada “Tradução, comparatismo e estudos interartes”.

⁵ Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/nucleos/intermidia/> Acesso em: 01 nov. 2022.

No campo da Literatura Comparada, temos como primeira contribuição o artigo “Arquiatria edgariana: Edgar Allan Poe e a imagética arquitetônica da mente”, de Débora Souza da Rosa, pesquisadora da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Partindo do pressuposto teórico da fenomenologia da imaginação do filósofo e poeta Gaston Bachelard, e tomando como objeto de análise dois contos de Edgar Allan Poe, “The Tell-Tale Heart” e “William Wilson”, a autora analisa as formas poéticas espaciais dos contos, em comparação com *Archiatric*, a série de imagens arquitetônicas das mentes condicionadas por psicopatologias, do ilustrador italiano contemporâneo Federico Babina. A análise dos contos permite à autora argumentar que as imagens poéticas espaciais construídas nos contos de Edgar Allan Poe “não apenas ilustram estados psíquicos conturbados, mas que, pela sua eficiência, tornaram-se referências numa educação estética da loucura”.

Fabianna Simão Bellizzi Carneiro, pesquisadora da Universidade Federal de Catalão (UFCAT), analisa no artigo intitulado “Alheamentos, desassossego, aniquilamento: leituras de Edgar Allan Poe e Bernardo Élis sob o viés do comparatismo” os contos “Sombra”, de Edgar Allan Poe, e “O louco da sombra”, de Bernardo Élis. A autora mostra como as obras de dois autores tão diferentes — separados por uma grande distância geográfica e temporal — guardam semelhanças ao abordarem temas universais como o medo, a indiferença e o aniquilamento. O artigo de Carneiro traz, ainda, importantes reflexões teóricas e metodológicas sobre a Literatura Comparada e sobre a razão de ser dos estudos comparatistas.

Em “O indígena como lugar comum nas disputas retóricas coloniais: uma abordagem comparativa dos relatos de Staden, Thevet, Léry e Knivet”, Paula Regina Siega e Girleane Santos Araújo, da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), estudam a literatura de viagem a partir dos discursos coloniais materializados nos relatos quinhentistas de quatro viajantes que estiveram no Brasil no século XVI (o alemão Hans Staden, os franceses André Thevet e Jean de Léry, e o inglês Anthony Knivet). As autoras mostram como diversos modelos interpretativos, provenientes de distintas realidades histórico-sociais, orientaram a produção e o compartilhamento das opiniões dos viajantes sobre o indígena brasileiro. O estudo permitiu confirmar — a partir da noção de *topoi*, ou tópicos do discurso, e dos estudos sobre a história e mentalidade coloniais, de acordo com os diferentes relatos de viagem — que as opiniões ora depreciativas, ora valorativas acerca do indígena não dão conta de explicar os mais variados fatores que caracterizam a realidade deste último.

Raphael Valim da Mota Silva, da Universidade de São Paulo (USP), realiza um estudo comparativo em torno do conceito “crise do romance”, em “Eclipse do romance: autoconsciência narrativa e fatias de vida em Huxley, Döblin e Waugh”, e considera o século XX como um período decisivo para tanto. O autor toma três romances publicados na década de 1920/30: *Contraponto* (1928), de Aldous Huxley, *Berlin Alexanderplatz* (1929), de Alfred Döblin, e *Vile Bodies* (1930), de Evelyn Waugh. Em seu artigo, o autor também argumenta que esses três autores de diferentes nacionalidades (dois ingleses e um alemão), assim como suas respectivas obras (tidas como “estruturas pensadas e metapoéticas”), demonstraram consciência

das crises estética, histórica e social que marcaram a primeira metade do século XX; com isso, apresentaram novas respostas para o gênero novelístico modernista, ao recorrer a procedimentos que envolvem contenção e dispersão, variação de pontos de vista, polifonia e autorreflexividade formal.

No artigo “As guardiãs das tradições religiosas: a representatividade das *nochês* em Os Tambores de São Luís e a poesia Comando Doce”, os autores Rubenil da Silva Oliveira e Welida Maria Gouveia Silva, da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), analisam comparativamente as *nochês*, mulheres negras, sacerdotisas e líderes nos terreiros de candomblé, representadas na obra “Os tambores de São Luís”, de Josué Montuello, e no poema “Comando Doce”, de Juraci Tavares. O foco do trabalho é, por um lado, observar como a representação da mulher negra assume um espaço de protagonismo e centralidade na tradição religiosa do candomblé, marcada nas obras pelos ritos materializados no espaço literariamente construído dos terreiros. Por outro lado, o estudo também mostra como as práticas religiosas *jeje-nagôs*, oriundas dos povos iorubas com seus símbolos e rituais, continua sendo uma forma de resistência à dominação branca. Graças à comparação, percebe-se como em ambas as obras as mulheres negras são agentes sociais na construção e manutenção do caráter de ancestralidade que organiza suas respectivas comunidades religiosas; terreiros não são apenas lugares de orações, mas de preservação das tradições, dos costumes, da cultura e da identidade negra.

Encerrando as contribuições no campo da Literatura Comparada, temos o artigo de Luã Leal Gouveia e Claudia Letícia Gonçalves Moraes, da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), intitulado “Édipo, G. H. e o drama da existência: o heroísmo na deseroização”. Na consideração da Literatura Comparada enquanto zona de contato, o estudo aproxima os protagonistas das obras “A paixão segundo G. H.”, da autora Clarice Lispector, e “Édipo rei”, de Sófocles, discutindo a partir de uma análise comparatista a percepção do herói trágico. Ao centralizar a discussão na figura de Édipo e G. H., ambos percebidos como heróis trágicos, os autores propõem uma leitura que problematiza a constituição desses personagens sob o signo ambivalente da *deseroização*. Em outras palavras, os paralelos construídos entre a descrição dos personagens mostram como a travessia pela existência humana — passar pela perda para ganhar — constitui a principal virtude do herói trágico.

No campo dos estudos interartes, temos inicialmente o trabalho de Francisco Ricardo Cipriano Silveira, da Universidade de Coimbra, intitulado “O sublime efrástico dos vídeos musicais: um *travelling* literário a partir da letra”, que explora em que medida o formato de “arte da imagem em movimento” é singular na concepção intersemiótica dos vídeos musicais. Por meio da categoria denominada pelo autor de *sublime efrástico*, aproximam-se duas linguagens artísticas — literatura e audiovisual — ao se analisar a construção dos videoclipes. A proposta sugerida parte do videoclipe “Bachelorette”, dirigido por Michel Gondry (1997) e vinculado a uma canção da cantora islandesa Björk, e problematiza a existência de uma especificidade literária na relação entre a literatura e os vídeos musicais.

Em “Cinematização, transcrição e adaptação: aspectos sobre o poético nas relações intersemióticas de *Abril Despedaçado*”, Francisco Heitor Pimenta Patrício e Ana Carolina Negrão Berlino de Andrade, da Universidade Regional do Cariri, aproximam o livro “*Abril Despedaçado*” (1978), de Ismail Kadaré, e o filme homônimo de Walter Salles (2001), a fim de explorar as possíveis relações intersemióticas entre eles. Partindo da consideração de elementos poéticos nas duas obras como uma base para a construção do diálogo comparativo, o trabalho problematiza a relação entre literatura e cinema mediante os conceitos de adaptação, transcrição e cinematização. Na perspectiva dessas teorias, a leitura proposta pelos autores assinala, entre outras coisas, como os traços poéticos, identificáveis nos diferentes meios semióticos, podem suscitar a existência de significados compartilhados entre uma obra e outra, ainda que a adaptação seja aqui considerada tanto um processo como um produto.

Marcelo Cordeiro de Mello, pesquisador da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), no artigo intitulado “A posição das imagens – Texto, fotografia e cinema. Didi-Huberman sobre Benjamin, Brecht e Pasolini”, analisa obras de Bertolt Brecht e de Pier Paolo Pasolini nas quais a palavra escrita dialoga com imagens. Mello tem como base as reflexões de Georges Didi-Huberman sobre a obra desses dois artistas, de modo que ele transita entre literatura, fotografia e cinema, ao se servir do conceito de montagem como um ponto de partida essencial em suas análises.

Lilian Santana da Silva, da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), no artigo intitulado “Cor e som: interfaces significantes no trabalho de Sonia Coutinho”, a partir de uma discussão em torno das relações entre literatura e música, propõe-se a lançar uma luz nas discussões sobre as narrativas da autora baiana Sônia Coutinho, que, ao integrar a construção verbal e musical, evidencia a arte como produtora de sentidos na constituição e representação das personagens femininas; temática, aliás, desconsiderada pelos críticos literários.

O artigo da pesquisadora da Université du Québec à Montréal (UQÀM), Marie-Christine Lesage, intitulado “Artes cênicas e interdisciplinaridade: o interartístico em questão”, poderá ser lido em português graças à tradução de Daniela Nienkötter Sardá (USP) e Guilherme Soares dos Santos (Université Paris-Sorbonne). No artigo, originalmente publicado na revista *L'annuaire théâtrale* (atual *Percées – Explorations en arts vivants*), a autora lembra que a interdisciplinaridade pode ser encarada de dois pontos de vista: o da epistemologia, e o das práticas artísticas. O artigo, dividido em duas partes, apresenta em detalhes esses dois pontos de vista, evidenciando, assim, a questão do interartístico.

Na seção de entrevistas, temos uma perspectiva única que ilustra a relação dialógico-comparativa nos estudos literários e interartes, abordada neste número da revista *Linha D'Água*. Entrevistada pela pesquisadora Elisiane Matos (UESC), a poeta, *performer*, mobilizadora cultural e professora da área de Literatura na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Daniela Galdino, aborda a composição da obra “Profundanças”, uma antologia literária-fotográfica escrita por mulheres, na perspectiva do diálogo interartes e das questões ético-estéticas que singularizam a composição da obra. A entrevista, então, discute o entrecruzamento

de linguagens e de olhares que constituem tanto Profundanças como os demais projetos em que Galdino está envolvida, sinalizando uma extensa trajetória que defende participação ativa de mulheres, em sua ampla definição, nos espaços artísticos, literários e editoriais.

O número é finalizado com uma resenha da obra “Tradução, Comparatismo e Estudos Interartes”, publicada pela Pontes Editores, neste ano de 2022. Elaborada por Urbano Cavalcante Filho, professor e pesquisador do Instituto Federal da Bahia (IFBA), da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) e da Universidade de São Paulo (USP), a obra resenhada foi organizada por coordenadores e membros do Grupo de Pesquisa GELCON (Estudos de literatura contemporânea: comparatismo, tradução e interartes), da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Trata-se de uma coletânea com 15 trabalhos de pesquisadores do Brasil e do exterior distribuídos em 3 eixos: Estudos da Tradução, Literatura Comparada e Intermidialidade e Estudos Interartes.

Este número não teria sido possível sem o auxílio de inúmeros pareceristas de instituições brasileiras e estrangeiras: Universidade da Madeira: Funchal, Ilha da Madeira, Portugal; Universidade Estadual do Pará (UEPA), na região Norte; Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Universidade Federal da Bahia (UFBA) e Instituto Federal da Bahia (IFBA), na região Nordeste; Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade de São Paulo (USP), Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Instituto Federal de São Paulo (IFSP), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Universidade de Taubaté (UNITAU), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), na região Sudeste; Instituto Federal Farroupilha, Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Universidade Federal do Paraná (UFPR), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Instituto Federal Sul-Rio-Grandense (IFSul) e Universidade Federal do Rio Grande (FURG), na região Sul.

A todos esses pareceristas expressamos, aqui, todo o nosso agradecimento. Agradecemos, também, à FAPESP pelo financiamento da pesquisa “A autobiografia em contrastes discursivos: memórias, discursos e diálogos” (processo nº 2019/02188-3), e à equipe editorial da revista *Linha D'Água* por, entre outras coisas, tarefas essenciais como revisão, tradução e diagramação.

Desejamos a todas e a todos uma excelente leitura!

São Paulo, dezembro de 2022.

Financiamento

Yuri Andrei Batista Santos agradece à FAPESP pelo financiamento da pesquisa “A autobiografia em contrastes discursivos: memórias, discursos e diálogos” (processo nº 2019/02188-3).

Referências

CARVALHAL, Tania Franco. *Literatura Comparada*. São Paulo: Ática, 1986.

CLÜVER, Claus. Inter textus/ inter artes /inter media. *Aletria: Revista De Estudos de Literatura*, vol. 14, nº 2, jul.-dez. 2006, p. 11-41. DOI: <https://doi.org/10.17851/2317-2096.14.2.10-41>.

COUTINHO, Eduardo. Introdução. In: COUTINHO, Eduardo. (Org). *Fronteiras imaginadas: cultura nacional/teoria internacional*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001. p. 7-12.

FREITAS, Alexandre. S. de; TEIXEIRA, Geraldo. H. T. S. Estudos interartes: Uma introdução. *Revista Farol*, 16(22), 130–138. 2020. DOI: <https://doi.org/10.47456/rev.v1i22.31276>.

HUTCHINSON, Ben. *Comparative Literature: A Very Short Introduction (Very Short Introductions)*. Oxford: Oxford University Press, 2018.

LUZ, Cleber da Silva; WALLAU, Vanessa Luiza de; MARINS, Liliam Cristina. Literatura, tradução, adaptação e intermedialidade: entrevista com Thaís Flores Nogueira Diniz. *Acta Scientiarum. Language and Culture*, v. 43, n. 1, e57725, 13 abr. 2021. DOI: <https://doi.org/10.4025/actascilangcult.v43i1.57725>.

NEUMANN, Gerson R.; RICHTER, Cintea; DAUDT, Marianna I. Diálogos transdisciplinares In: NEUMANN, Gerson R.; RICHTER, Cintea; DAUDT, Marianna I. (Org). *Literatura comparada, ciências humanas, cultura, tecnologia*. Porto Alegre: Class, 2021. p. 7-11.

SARDÁ, Daniela N.; CAVALCANTE FILHO, Urbano.; SANTOS, Yuri A. B.; GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo R. A análise de discursos comparativa e outras abordagens comparativistas em ciências da linguagem. *Linha D'Água*, v. 35, n. 2, p. 1-15. mai-ago 2022. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2236-4242.v35i2p1-15>.